

CONSTRUÇÕES VERBAIS DE BASE LOCATIVA NA GRAMÁTICA E NO TEXTO DO PORTUGUÊS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA¹
(Universidade Federal Fluminense)

ABSTRACT: Analysis of verbal-base expressions formed by locative pronouns in Brazilian Portuguese. Based on usage-based linguistics, according to Bybee (2010) and Traugott (2012; 2008), and also on contemporary corpora, the object of study of this paper are instantiations of two major constructional schemes, that have distinct functions: textual connection, by means of LocativeVerb pairing, and discursive marking, by means of VerbLocative pairing. We assume that the use of these expressions, considered pre-fabricated unities (Erman e Warren, 2000), is motivated by factors of different nature, such as structural, textual and pragmatic-discursive ones.

KEYWORDS: Verb construction; constructionalization; adverbs; Portuguese.

1. Introdução

Fundamentados na linguística funcional centrada no uso, nos termos de Traugott (2012; 2008), Bybee (2010), Fischer (2009), Goldberg (2006; 1995) e Croft (2001), entre outras fontes funcionalistas e cognitivistas, investigamos certas expressões fixas do português brasileiro (PB) contemporâneo e sua relação com contextos específicos em que ocorrem. Tais expressões são interpretadas como instanciações de dois esquemas construcionais maiores, integrados por pronomes locativos, que se efetivam e articulam, como *tokens*, nos textos que circulam na comunidade linguística.

Estamos nos referindo à construção conectora textual, formada por pronome locativo e verbo (doravante $LocV_{CT}$), como em *dai vem* ou *aí está*, bem como à construção marcadora discursiva, formada por verbo e pronome locativo (doravante $VLoc_{MD}$), como em *vá lá* ou *espera aí*. A partir de *corpora* constituídos por textos do português contemporâneo do Brasil, em abordagem qualitativa, descrevemos e analisamos o uso dessas expressões, em termos do processamento textual para o qual concorrem.

¹ Bolsista da CAPES e da FAPERJ.

No caso da LocV_{CT}, defendemos que se trata de um arranjo que funciona no plano da coesão textual, como conector de relações lógicas ou mais subjetivas, na condição de introdutor de tópico, articulador de contraexpectativa ou operador argumentativo. Nesse tipo de padrão funcional, consideramos que a LocV_{CT} atua no plano das relações sintático-textuais, uma vez que concorre para a articulação de porções maiores do texto, tal como no excerto abaixo, extraído de Rocha (2011: 19):

- (1) A mão grosseira e calosa não percebe distintamente pelo tato as coisas materiais; muito menos se tiver calçada a luva. Ao nosso espírito sim foi dado sentimento e percepção das coisas espirituais e divinas; porém, como o temos envolvido e calçado entre tantos sentimentos grosseiros das coisas terrenas, **daqui vem** não poder formar notícia que o afeiçoe e faça sábio das coisas divinas. (<http://www.permanencia.org.br/revista/vida/Bernardes/silva.htm>, acesso em 15/06/2009)

Em (1), como podemos observar, com *daqui vem* o locutor conecta porções textuais mais amplas, articulando-as logicamente. O procedimento concorre para a coesão de todo o período, que se configura como sequência expositivo-dissertativa. Em usos desse tipo, tanto *daqui* como *vem* perdem traços prototípicos de suas categorias originais, respectivamente, pronomes locativo e verbo, em prol de uma formação mais vinculada, em termos de sentido e de estrutura, cumpridora de função ao nível da conexão textual.

Em termos da VLoc_{MD}, sua articulação se processa em nível mais amplo, dado que funciona na marcação discursivo-pragmática, atuando na veiculação de sentidos intersubjetivos, como o de injunção ou consentimento. A VLoc_{MD} não se vincula semântico-sintaticamente ao contexto em que se insere, uma vez que seu nível de atuação é mais abrangente. Estamos nos referindo a usos como o seguinte, extraído de Teixeira e Oliveira (2012: 27):

- (2) *Muitos de nós, talvez eu mesmo, seremos sacrificados, torturados, assassinados...*

Mas a revolução socialista vai para a frente. Isso vai! – Sabes que tenho minhas simpatias pelo anarquismo.. – O que tu és eu sei. Um sujeito preguiçoso e conformista. – Escuta aqui, Arão. Até onde acreditas no que estás dizendo? Refiro-me a acreditar de verdade, do fundo do coração. (Site Corpus do português, teatro, O tempo e o vento)

No fragmento (2), *escuta aqui*, em trecho de discurso direto, anteposto a vocativo, funciona no nível pragmático, invocando o interlocutor a prestar atenção naquilo que diz e pensa. O elemento verbal (*escuta*) e o locativo (*aqui*) se integram de tal forma que, altamente entrincheirados, passam a funcionar como elemento de marcação discursiva, fora do nível sintático mais estrito.

Dessa forma, consideramos que, ao lado de estruturas transitivas prototípicas, constituídas por verbo e complemento locativo, temos em uso no PB a instanciação de duas macroconstruções, LocV_{CT} e VLoc_{MD}, que cumprem

relevantes funções de ordem textual-discursiva. Tais funções ainda não têm sido devidamente consideradas na descrição linguística e menos ainda tratadas na sala de aula de língua portuguesa.

O artigo encontra-se dividido em três seções maiores. Na primeira, são apresentados os fundamentos teóricos que orientam a pesquisa, no destaque para a correlação de pressupostos funcionalistas e cognitivistas na investigação do vínculo entre sentido e forma na gramática. Na segunda seção, o foco recai sobre a $LocV_{CT}$ e seus usos, a partir da análise de uma instanciação específica, a expressão *daí vem*. A terceira seção é dedicada à $VLoc_{MD}$, com base também num tipo de paramento específico, formado pelo verbo *ir* e o locativo *lá*. Por fim, fazemos algumas considerações, no apontamento também de perspectivas para a pesquisa linguística nessa área.

2. Integração de sentido e forma na gramática

De acordo com Erman e Warren (2000) e Bybee (2010), entre outros, quando falamos ou escrevemos, lidamos basicamente com dois princípios: o *princípio da livre escolha* e o *princípio idiomático*. Trata-se de dois pressupostos distintos e complementares que concorrem para que possamos compreender e elaborar textos. De acordo com o primeiro (livre escolha), temos o arbítrio para selecionarmos e combinarmos palavras ou itens, de modo criativo e particular, em nossa expressão linguística. Conforme o segundo (idiomático), de outra parte, somos orientados por uma série de convenções, de expressões mais ou menos fixas, de que devemos necessariamente lançar mão, se quisermos ser compreendidos e eficientes nas interações.

Desses dois princípios, o que aqui nos interessa é justamente o segundo, o idiomático, tal como exposto em Oliveira (2012). Conforme tal pressuposto, nossa interação é organizada basicamente por unidades pré-fabricadas (doravante UPF), definidas como a combinação de, pelo menos, dois constituintes, fixados a partir da frequência e da regularidade com que são usados e processados na comunidade linguística. A feição idiomática das UPF está justamente no fato de que se trata de um todo de sentido e de forma, de modo que trocas de elementos ou de posição no interior da UPF, bem como intercalações de outros constituintes, podem provocar mudança de sentido ou até de estatuto gramatical nessas unidades.

Assim, as instanciações de $LocV_{CT}$ e $VLoc_{MD}$, de que aqui nos ocupamos, são consideradas como tipos de UPF do PB. As ocorrências mais convencionalizadas desses usos, como de elemento de conexão textual e de marcação discursiva, respectivamente, são classificadas por Diewald (2002) como contextos *isolados*, aqueles em que a UPF perde em composicionalidade e analisabilidade de seus constituintes internos, em prol da maior esquematicidade. Os contextos isolados (ou gramaticalizados), por sua vez, são oriundos de contextos críticos, de usos híbridos e polissêmicos, que atuam como etapa de transição para a maior integração de sentido e forma.

A concepção da UPF é feita no âmbito da *linguística centrada no uso*, perspectiva teórica maior que nos orienta e que tem seus pilares na compatibilização da vertente funcionalista norte-americana, inspirada em Givón, Bybee, Traugott, Heine, Thompson, entre outros, com a vertente cognitivista, de acordo com Goldberg, Croft, Fillmore, Lakoff, entre outros. Conforme Martelotta e Alonso (2012), une as duas vertentes a concepção de que os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na relação entre linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico. A correlação dessas três dimensões motiva a fixação de padrões gramaticais, via ritualização, a partir de ambientes interacionais específicos.

Nesse sentido, a seleção, a ordenação, a combinação e o uso de nossos objetos de pesquisa decorrem de motivações semânticas e formais, entre outras. Tais motivações, juntas e combinadas, formam elos de correspondência expressos em modelos construcionais, em pareamentos de forma e sentido que compõem a gramática do PB. Como Silva e Batoréo (2010: 230), entendemos que *não há pois lugar para a distinção entre conhecimento e uso da linguagem (ou “competência” e “performance”, em termos generativos), já que o conhecimento de uma língua emerge do uso.*

Segundo Goldberg (2006; 1995), a construção é definida como um tipo de pareamento *função-forma* altamente integrado, em que o sentido não é dado pela mera soma dos termos que integram esse arranjo. Para a autora (Goldberg, 1995: 6), as construções são as *unidades básicas* da língua. Em outros termos, as interações não se dão a partir de itens isolados, o sentido não é atomizado, mas sim resultante das combinações de função e de expressão, da associação de termos em distintos níveis na gramática das línguas. Assim, as instanciações por nós trabalhadas são tomadas com um todo de sentido e de forma.

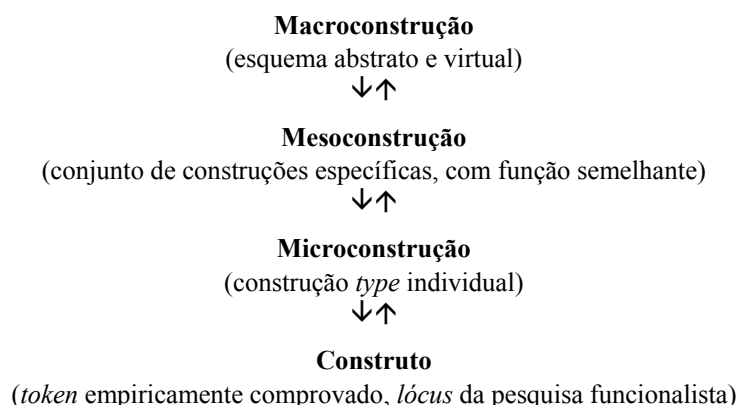
Nessa perspectiva, não se admite distinção clara entre léxico e sintaxe, ou entre o léxico e o restante dos demais níveis gramaticais. De acordo com a autora (Goldberg, 2006: 5), todos os níveis da gramática envolvem construções, que são sistematizadas na comunidade linguística e ficam à disposição dos usuários. Na mesma linha, Silva e Batoréo (2010: 230), definem a construção como *qualquer padrão coerente de combinação de palavras ou morfemas e que se estabelece como um par de forma e significado* e a gramática como um *inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais*.

A conexão entre convencionalização de sentido e forma é interna à construção, envolvendo aspectos mais arbitrários e outros mais motivados. Do ponto de vista formal, Croft (2001) e Croft e Cruse (2004) destacam os componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos envolvidos na construção e os correlacionam com o sentido articulado nos níveis semântico, pragmático e discursivo-funcional. Trata-se, portanto, de um modelo holístico de abordagem, que procura dar conta das distintas dimensões aí envolvidas e suas interfaces.

Na descrição gramatical do português, vários autores têm feito referência a íntima relação entre sentido e forma. Azeredo (2008; 1990) destaca o sintagma como unidade da sintaxe, a partir da aplicação dos princípios de deslocamento, substituição e coordenação interna; Neves (2000) apresenta o verbo suporte e os verbos auxiliares como evidência da integração de expressões maiores e mais vinculadas; Castilho (2010) menciona o sintagma como unidade gramatical da sintaxe, exemplificador da propriedade de *constituência*; Perini (2010) interpreta a oração como padrão construcional, como unidade gramatical, um todo de forma e sentido; Camara Jr. (1998) descreve o vocábulo fonológico como unidade, formado por sequência de vocábulos sem pausa, sob o domínio de um só acento tônico de maior proeminência, de grau 3; Raposo *et al.* (2013) destacam categorias gramaticais formadas por combinações fixas, em posições mais integradas, marcadas por grupo prosódico autônomo.

A proposição do tratamento construcional, na perspectiva aqui assumida, incorpora ainda a concepção de *frame* (Fillmore, 1988; 1982), ao levar em conta as relações metonímicas e metafóricas envolvidas na fixação dos padrões aqui referidos. Nessa concepção, nossos objetos de pesquisa fazem parte de trechos mais amplos, como a cláusula ou ainda a sequência tipológica ou o gênero discursivo, articuladores de modelos cognitivos idealizados, ou *frames*. Assim, ao tratar dos referidos padrões, é preciso levar em conta o tipo de perspectivização de toda a cena comunicativa. No caso específico dos padrões envolvendo pronomes locativos, quanto mais essa cena tem a ver com uma situação espacial e física, menos consideramos as formações locV e Vloc como mais integradas ou gramaticalizadas. De outra parte, quanto mais essa cena assume sentido (inter)subjetivo, na veiculação de crenças, valores e pontos de vista, mais as referidas formações se tornam polissêmicas e passam, a partir daí, a usos em contextos isolados.

De acordo com Traugott (2008), a abordagem da gramaticalização de construções se faz com base na seguinte trajetória:



Conforme o *cline* proposto pela autora, a relação entre os padrões construcionais se faz tanto no sentido da criação de conjuntos e esquemas abstratos, no caminho da fixação de construções (setas para cima), quanto no sentido inverso, no qual, por analogização, um esquema virtual fornece a base para criação de novos exemplares (setas para baixo). Como a abordagem funcionalista se volta para a língua em uso, é no nível do construto, o mais baixo da escala, que se situa o foco maior de nossa investigação – as instanciações de $LocV_{CT}$ e $VLoc_{MD}$.

3. Conexão textual e a construção $LocV_{CT}$

As instanciações da $LocV_{CT}$ são tomadas como tipos de UPF que atuam no plano gramatical da coesão textual, como conectoras de relações lógicas ou mais subjetivas: introdutoras de tópico, articuladoras de contraexpectativa ou operadoras argumentativas. Tais expressões se situam no plano das relações sintático-textuais, uma vez que concorrem para a articulação de porções maiores do texto. Nesta seção, elegemos a expressão *daí vem* para ilustrar o papel coesivo da $LocV_{CT}$.

Sincronicamente, no PB, como demonstram Oliveira e Rocha (2011), a $LocV_{CT}$ é interpretada como um tipo de contexto isolado (Diewald, 2002). Em outros termos, trata-se de esquematizações resultantes de pressões metafóricas e metonímicas de ambientes mais amplos e difusos, como o seguinte, retirado de blogue brasileiro:

- (3) E outra coisa que me irrita, eu me contorço toda para não bater em ninguém **daí vem** uma baixinha e me da um baita tranco, poxa parece que não enxerga! (http://www.lula.pro.br/forum/forum_posts.asp?TID=1020, acesso em 13/11/2009)

Em (3), o SN *uma baixinha* concorre para a interpretação de *daí vem* como expressão de menor integração, dado que a forma verbal *vem* pode ser tomada como ligada ao SN referido, que seria o sujeito oracional. De outra parte, levando-se em conta a declaração antecedente *eu me contorço toda para não bater em ninguém*, a expressão *daí vem* é passível de ser interpretada como elemento de conexão lógico-consecutiva para o que se segue, revelando a atipicidade contextual de (3). Assim posto, *daí vem*, em fragmentos como (3), é por nós entendido como operador de sequencialidade, num estágio de menor vinculação de seus constituintes internos, configurando-se como contexto atípico, nos termos de Diewald (2002).

O mesmo não podemos dizer acerca de (4), (5) e (6), também extraídos de blogues do Brasil. Nos usos que se seguem, *daí vem* constitui-se como unidade altamente integrada e gramaticalizada, dado que passa a constituinte membro de outra categoria gramatical – a dos conectores:

- (4) **Agosto brutal** - Júlio César, imperador romano, foi assassinado por uma corriola da qual fazia parte seu filho adotivo Brutus (**daí vem** brutalidade).

(*almanaque nilomoraes.blogspot.com/2014/06/etimologia-biografica.html*, acesso em 11/06/2014)

(5) *Só da gaúcho nas paradas gays! Por isso é a maior... seja onde for eles vão **daí vem** o hino do Grêmio “Até a pé nos iremos...”*

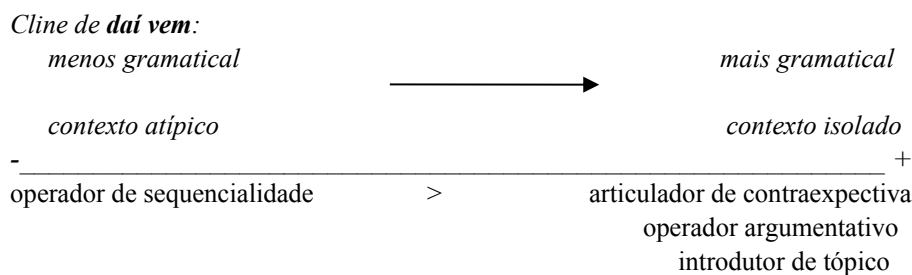
(<http://colunas.globoesporte.com/bolanascostas/2008/11/19/gremistas-no-programa-do-jo/comment-page-8/>, acesso em 13/11/2009)

(6) *Há educadores tentando ensinar. **Daí vem** o interesse comercial e faz isso. “Eu rolo, tu rolas, ele ****”. Pode???*

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071123221224AATjOm4>, acesso em 13/11/2009)

Em (4), (5) e (6), a interpretação dos SNs *brutalidade*, *o hino do Grêmio* e *o interesse comercial*, respectivamente, como sujeitos da forma verbal *vem* se encontra praticamente cancelada. Em (4), encabeçando uma informação entre parênteses, *daí vem* atua didaticamente no esclarecimento acerca da etimologia do termo *brutalidade*. Em (5), a expressão concorre para articular argumentativamente a declaração inicial, acerca do grande número de gaúchos nas paradas *gays*, ao comentário subsequente, sobre o hino do Grêmio, estabelecendo relação de causa-consequência entre ambas as declarações. Em (6), *daí vem* reforça o contraste entre educadores comprometidos e interesses comerciais. Nas três sequências apresentadas, o frame não é espacial, o que motiva e licencia o uso de Loc mais unido ao V em prol da articulação de sentido mais (inter)subjetivo.

Em Oliveira e Rocha (2011:174), propomos o seguinte cline de derivação para *daí vem*:



Conforme o *cline* acima, ocorrências menos gramaticais são aquelas em que se verifica menor vinculação de Loc e V, ou seja, aquelas em que as propriedades das categorias-fonte se encontram mais preservadas, como exemplificamos no fragmento (3), anteriormente apresentado. Ainda que haja alguma polissemia, é possível interpretar prototipicamente tais ocorrências como as de um pronome locativo seguido por um verbo.

No outro eixo do *cline*, temos as funções mais vinculadas e gramaticalizadas de *daí vem*, situadas no plano da conexão textual. Como Loc e V, nesse estágio, passam a cumprir nova função, fundamentados em Traugott (2012) e Noël (2007), consideramos que se trata de efetivo processo de gramaticaliza-

ção. Assim, *daí vem* é usado em (4) como introdutor de tópico, em (5) como operador argumentativo e em (6) como articulador de contraexpectativa. Como propriedade comum a essas três ocorrências, observamos a mudança gramatical para a classe dos conectores textuais, com perda de composicionalidade e analisabilidade, e, de outra parte, com ganho de esquematicidade, na formação de construtos altamente vinculados em sentido e forma.

O levantamento das instanciações da $LocV_{CT}$ em fontes do PB indica haver maior diversidade do primeiro constituinte, o Loc, em contraste com a maior restrição do segundo constituinte, o V, que, via de regra, tem base espacial, como *estar*, *ir* e *vir*. Assim, ocorrem no PB contemporâneo expressões de função conectora como *aí está*, *lá vai*, *aqui vem*, entre outras².

4. Marcação discursiva e a $VLoc_{MD}$

As instanciações de $VLoc_{MD}$ se processam em nível linguístico mais alto face à $LocV_{CT}$, uma vez que funcionam na marcação discursivo-pragmática, na veiculação de sentidos intersubjetivos, como o de inunção ou consentimento. Tais instanciações se encontram semântico-sintaticamente desvinculadas do contexto em que se inserem, uma vez que seu nível de atuação é mais abrangente, como demonstrado em (2). Nesta seção, selecionamos expressões formadas com base no verbo *ir* e no locativo *lá* para ilustrar nossos comentários.

Assumimos, conforme Oliveira e Teixeira (2012), que também a $VLoc_{MD}$ é um contexto isolado resultante de processo de mudança gramatical do português, em que ambientes mais referencias ou polissêmicos são interpretados como origem para usos mais esquemáticos³. As instanciações de $VLoc_{MD}$ resultam, assim, de pressões metafóricas e metonímicas forjadas em ambientes mais convencionais (7) ou mais amplos e difusos (8):

(7) *E, passando o braço pela cintura da filha, segredou ao ouvido desta: - Vamos, vamos lá para cima. Creio que hoje não estás boa.. (dramaturgia)*
(www.objetivo.br/arquivos/obras_literarias/adolfo.../tentacao.pdf, acesso em 10/10/2012)

(8) *É que um dos efeitos dos ingredientes gordurosos é melhorar a textura e enfatizar o gosto das receitas, ajudando a dispersar o aroma dos temperos que botamos na comida. Será que depois dessa você ainda precisa ler a dica? **Vá lá**: coloque uma pitadinha de gordura na panela. (reportagem)*
(<http://mdemulher.abril.com.br/saude/reportagem/vida-saudavel/voce-vai-ver-revista-saude-vital-deste-mes-774244.shtml>, acesso em 10/11/2012)

² Tema abordado na tese de doutorado atualmente desenvolvida por Rossana Alves Rocha, sob nossa orientação, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF.

³ Tema abordado na tese de doutorado atualmente desenvolvida por Ana Claudia Machado Teixeira, sob nossa orientação, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF

Em (7), *vamos lá* atua no plano lexical, com subpartes mais plenas de sentido e menos vinculadas entre si. Já em (8), integrada em discurso direto numa sequência de tipo injuntivo, a expressão *vá lá* revela certo hibridismo e polissemia, por conta da atipicidade contextual em que se insere – admite leitura mais referencial, no efetivo convite a que o interlocutor se dirija a um espaço específico, e ainda permite interpretação mais abstrata, como marcador injuntivo.

De ambientes como o ilustrado em (8), considerados *atípicos/críticos* (Diewald, 2002), se convencionaliza o uso mais vinculado em sentido e forma, cumpridor de funções discursivo-pragmáticas. É o que exemplificamos nas seguintes sequências expositivas, retiradas de reportagens de revistas eletrônicas brasileiras:

- (9) Puxa vida. O que dizer disso? Têmporas grisalhas, **vá lá**. Sinal de respeitabilidade. Uma franja com rajadas de prata, estilo William Bonner, tudo bem. (<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML1670138-8858,00.html>, acesso em 10/07/2012)
- (10) Juntando talento, bons parceiros, muita criatividade e, **vá lá**, um tanto de sorte, o publicitário paulistano Flavio Masson coleciona prêmios em Nova York. (<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87029-7855,00.html>, acesso em 15/06/2012)

Em (9), a expressão *vá lá*, como instanciamento de $VLoc_{MD}$, marca concessivamente o fragmento, em que se admite o fato de o jornalista William Bonner exibir seus cabelos grisalhos. Na sequência (10), a referida expressão abre espaço para que *um tanto de sorte* possa ser quesito para o sucesso profissional de Flavio Masson. Em ambos os trechos ilustrados, *vá lá* está desvinculado, em termos de sentido e forma, da estruturação sintática em que se insere. Por outro lado, é grande o entrincheiramento interno de suas subpartes – V e Loc – na formação de um todo, altamente esquemático e convencional, portador de outra funcionalidade, no nível pragmático-discursivo. Destacamos que em ambas as sequências o *frame* não é espacial; trata-se de enquadramento subjetivo, que marca a opinião do locutor e sua ação sobre o interlocutor, na busca de adesão ao ponto de vista defendido.

Nas instanciações de $VLoc_{MD}$, é sensível a recorrência do locativo *lá*, em formações como *espera lá*, *vamos lá*, *quero lá*, *sei lá*, *diga lá*, entre outras. Interpretamos a maior frequência desse locativo como resultante de um conjunto de fatores: a) a referência a espaço mais distante, criando efeito de distanciamento; b) o sentido vago ou impreciso dessa referência, que licencia leitura por vezes mesmo negativa, como em *quero lá* e *sei lá* (Oliveira e Santos, 2011); c) a marca fortemente interacional e intersubjetiva dos contextos em que ocorre, que acabam por motivar a seleção de termos orientados para fora do espaço em que se situam os interlocutores.

De outra parte, no que concerne ao primeiro constituinte da $VLoc_{MD}$, a diversidade é maior. Conforme também demonstramos em Oliveira e Teixeira (2013), além dos tradicionais verbos de *frame* espacial, como os de mo-

vimento (*ir, vir, chegar*) e os de estado (*estar*), outros elementos podem integrar esse esquema maior, como os dicendi (*dizer, falar*) e os cognitivos (*saber*). Consideramos que tal produtividade tem como uma de suas motivações básicas a analogização, nos termos de Fischer (2009). Segundo a autora, mais do que criar novos padrões para distintos conceitos, nos aproveitamos de modelos já disponíveis, de formas consagradas, para, a partir dessa base comum, produzir novos modos de dizer, replicando a base. Nesse sentido, via analogização, o PB vem produzindo e usando uma série de instanciações da VLoc_{MD} para efeitos de sentido diversos no âmbito da marcação discursiva.

5. Considerações finais

Os dois padrões de uso pesquisados, como instanciações da LocV_{CT} e da VLoc_{MD}, constituem modelos de UPF situados, respectivamente, no nível das relações textuais e pragmático-discursivas do PB contemporâneo. Além da forte vinculação semântico-sintática de seus elementos internos, essas UPF, que resultam de gramaticalização da língua, têm sua seleção, distribuição e frequência motivadas por fatores de distinta natureza.

Um desses fatores está ligado ao tipo de perspectivização da sequência em que tais expressões ocorrem. Assim, sentidos mais concretos ou referenciais, como aqueles emanados de descrições ou narrativas, por exemplo, tendem a selecionar usos também mais concretos e preenchidos, em termos semânticos. Por outro lado, quando a referência se torna mais (inter)subjativa, na veiculação de opinião, crença ou ponto de vista, se criam condições motivadoras para contextos ambíguos ou polissêmicos e daí para os usos mais convencionalizados ou isolados, já em avançado estágio de mudança gramatical. Trata-se, nesse último caso, do que Traugott e Dasher (2005) chamam de *inferência sugerida*, pela qual o locutor convida seu interlocutor a partilhar novos efeitos de sentido, de modo a pactuarem o que se veicula. Segundo os referidos autores, o locutor apropria-se de antigas formas, redimensionando-as e realinhando-as, em prol da instauração de novos sentidos, que são partilhados com o interlocutor.

Em termos pragmáticos, por se constituírem em elementos mais marginais ou periféricos de sua nova categoria – respectivamente, conector e marcador – as instanciações da LocV_{CT} e da VLoc_{MD} tendem a ocorrer em ambientes de fala marcados por (inter)subjativação e maior informalidade, na articulação de sequências expositivas, injuntivas ou dissertativo-argumentativas. O fato de esses usos ocorrerem preferencialmente nos ambientes referidos pode indicar se tratar de um tipo de mudança mais recente na língua, questão ainda a ser devidamente investigada.

A pesquisa aqui sumariamente apresentada tem trazido resultados promissores acerca do conhecimento tanto das relações e propriedades internas das expressões quanto dos traços contextuais em que essas ocorrem. A in-

investigação tem demonstrado também que, na perspectiva da linguística centrada no uso, é preciso levar em conta não somente os objetos mais específicos, mas sim considerar todo o ambiente linguístico em que esses objetos se encontram inseridos. Tal consideração reforça e destaca a correlação entre o plano gramatical e o discursivo, demonstrando que não se pode olhar somente para um traço ou quesito, mas sim assumir uma postura mais holística de investigação linguística.

Referências

- Azeredo, José Carlos (2008). *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha.
- Azeredo, José Carlos (1990). *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bybee, Joan (2010). *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Camara Jr, Joaquim Mattoso (1998). *Estrutura da língua portuguesa*, 28. ed. Petrópolis: Vozes.
- Castilho, Ataliba Teixeira (2010). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Croft, William (2001). *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Croft, William & Alan Cruse (2004). *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Diewald, Gabriele (2002). A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: Wischer, Ilse & Diewald, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 103-120.
- Erman, Britt & Beatrice Warren (2000). The idiom principle and the open choice principle. IN: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, pp. 29-62.
- Fillmore, Charles (1988). *On grammatical constructions*. Califórnia: UCB.
- Fillmore, Charles (1982). Frame semantics. IN: Linguistic society of Korea (org). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, pp. 111-138.
- Fischer, Olga. 2009. Grammaticalization as analogically driven change? In: *Vienna English Working Pappers*, vol. 12, no 2, pp. 3-23.
- Goldberg, Adele (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- Goldberg, Adele (1995). *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Martelotta, Mario Eduardo & Karen Alonso (2012). Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: Souza, E. (org). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*, vol 1. São Paulo: Contexto, pp. 87-106.
- Neves, Maria Helena de Moura (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.

- Noël, Dirk (2007). Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*, 14:2, pp. 177-202.
- Oliveira, Mariangela Rios (2012). Integração de sentido e forma na morfossintaxe do português. In: Palomanes, Roza & Angela Maria Bravin (orgs). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, v. 1, pp. 111-142.
- Oliveira, Mariangela Rios & Ana Claudia Machado Teixeira (2013). Marcadores discursivos com base no esquema construcional VerboLocativo e seu uso no português. In: Leite, Camila Tavares & Jair Barbosa Silva (orgs). *Línguas no Brasil - coleta, análise e descrições de dados*. Maceió: Edufal, v. 1, pp. 134-166.
- Oliveira, Mariangela Rios & Rossana Alves Rocha (2011). As expressões “daqui vem” e “daí vem” como instanciações da construção LOC + SV no português contemporâneo. *Caligrama* (UFMG), v. 16, pp. 155-176.
- Oliveira, Mariangela Rios & Leonardo Santos (2011). Padrões de uso da expressão ‘sei lá’ no português. *Signotica* (UFG), v. 23, pp. 363-384.
- Perini, Mário (2010). *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Raposo, Eduardo Paiva et al. (org.) (2013). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rocha, Rossana Alves (2011). *As construções “daqui vem” e “daí vem” no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Letras - Língua Portuguesa. Universidade Federal Fluminense.
- Silva, Augusto Soares & Hanna Batoréo (2010). Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: Brito, Ana Maria (org). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Fund. Universidade do Porto, pp. 229-252.
- Teixeira, Ana Claudia Machado & Mariangela Rios Oliveira (2012). Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo. *Veredas* (UFJF. Online), v. 16, pp. 19-35.
- Traugott, Elizabeth (2012). Toward a Coherent Account of Grammatical Constructionalization. In: Smirnova, E; Barodal, J; Sommerer, L (eds). *Historical construction grammar*, pp. 1-21.
- Traugott, Elizabeth (2008). Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Eckardt, Regine et al (eds.) *Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 219-250.
- Traugott, Elizabeth & Richard Dasher (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.